

HAITI

Enfermeira catarinense encontra país de contrastes

ANITA MARTINS
anita@noticiasdodia.com.br
@anita_ND

FLORIANÓPOLIS — No hotel cinco estrelas Karibe, escadarias de mármore, quartos com varandas, banheiros limpíssimos, jardins floridos, restaurantes com pratos do mundo todo, shows de jazz. Tudo isso para a elite de Porto Príncipe, no Haiti. Nas ruas, acampamentos com milhares de barracas que abrigam vítimas do terremoto de 2008, banheiros químicos quase sem limpeza e manutenção, esgoto a céu aberto, lojas montadas nas calçadas, onde alimentos e remédios estragam debaixo de sol.

Essa foi a realidade contraditória encontrada pela enfermeira catarinense Carmen Lucia Luiz, 60, que voltou recentemente do país, onde participou de uma missão do Ministério da Saúde que ajudou a montar uma rede de prevenção e atendimento de violência sexual. "O curso que demos para profissionais do governo e de ONGs da área começou com 30 pessoas e terminou com 70", comemora.

Apesar da satisfação profissional, ela diz que, pessoalmente, a experiência foi muito difícil. Se deparar com uma realidade tão sofrida mexeu com ela. "No Brasil, principalmente no Sul, a gente não vê pobreza como eu vi lá", afirma.

“
O curso que demos para profissionais do governo e de ONGs da área começou com 30 pessoas e terminou com 70.”
”
CARMEN LUCIA LUIZ

Carmen sentiu dificuldades na pele

A grande vitória da viagem, para Carmen, foi o desfecho de uma história dramática que presenciou. Certo dia, uma enfermeira haitiana que participava das aulas chegou com um olho roxo e um ombro inchado. Tinha sido agredida pelo marido durante a noite. Com um carro da Embaixada do Brasil no Haiti e a companhia de Carmen, ela foi para o hospital.

"A gente ficou horas na fila, teve de pagar US\$ 7 por um atestado de saúde e US\$ 25 por um raio-x, tudo sem recibo, o que me deu a impressão de que tem gente que lucra com a miséria. Depois de muito tempo, descobrimos que a ficha dela tinha sido perdida e, por isso, ela não estava na lista para ser chamada. Sem conseguir resolver a situação, ligamos para o diretor do hospital, já que eu tinha o número, e assim ela foi atendida", conta.

No dia seguinte, uma nova odisséia, para denunciar o marido. "Isso é difícil no Haiti porque, culturalmente, eles consideram violência doméstica uma coisa normal. Me contaram até a história de uma mulher que gritou por socorro quando um ladrão invadiu a sua casa. Mas, como ele falava 'fica quieta que eu sou teu marido e faço o que eu quero', ninguém foi ajudá-la", diz Carmen. Depois de percorrer diversas ONGs (Organizações Não-Governamentais), as duas enfermeiras receberam a indicação de uma colega e foram até uma entidade que trata de separações, reconciliações, guardas de filhos e afins. Lá, conseguiram entrar na justiça contra o agressor.



EDU CARVALHO/AGF